



CARROCEIROS EM NARRATIVAS, SABERES E MODOS DE VIDA

CARTERS ON NARRATIVES, KNOWLEDGE AND WAYS OF LIFE

Angélica Cosenza¹

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5412-5894>

David Lenis Damaceno de Castro²

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3613-1718>

Emanuelle Tavares Barreto dos Reis³

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9001-9877>

Gustavo Taranto Epprecht⁴

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0161-1992>

Resumo:

Neste trabalho de pesquisa de natureza qualitativa, apresentamos um levantamento bibliográfico sobre as enunciações da comunidade carroceira, presentes nos artigos das plataformas CAPES e SciELO. O objetivo deste estudo foi compreender as enunciações sobre a comunidade de carroceiros, além de identificar discursos sobre as práticas educativas realizadas para/com esses sujeitos, para entender como essas perspectivas influenciam a enunciação dos carroceiros e charreteiros enquanto construtores de saberes, histórias, memórias. A partir da análise de conteúdo dos artigos encontrados, construímos cinco categorias analíticas que tratam de diferentes discursos sobre carroceiros, em narrativas, saberes e modos de vida, em profissionalização, em convivências multiespécies, como comunidade política, histórica e cultural, como alvos de mudança comportamental em ações educacionais. Construímos essa análise com a base teórica da Educação Ambiental, da Ecologia Política e dos Estudos Decoloniais, de modo a conhecer as formas pelas quais carroceiros têm seus saberes colonizados em prol do avanço do projeto da modernidade capitalista. Dentre desse recorte, pudemos compreender as posições hegemônicas ou contra-hegemônicas presentes nos artigos estudados e afirmar os modos de vida carroceiros como portadores de saberes e modos de vida tradicionais.

Palavras-chave: Carroceiros; Educação Ambiental; Ecologia Política; Decolonialidade.

Abstract:

¹ Professora Dra. Faculdade de Educação UFJF, Programa de Pós Graduação em Educação da UFJF, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, GEA/UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil

² Graduado em Pedagogia pela ufjf. Mestrando em Educação pelo PPGE/UFJF; integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, GEA/UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil

³ Graduada em licenciatura em História pela UFJF. Mestranda em Educação pela UFRJ do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, GEA/UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil

⁴ Licenciado em Artes Visuais pela UFJF, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, GEA/UFJF, Juiz de Fora, MG. Brasil

In this qualitative research work, we present a bibliographical survey on the enunciations of the carroceira community, present in the articles of the CAPES and SciELO platforms. The aim of this study was to understand the enunciations about the carroceir community, in addition to identifying discourses about the educational practices carried out for/with these subjects, to understand how these perspectives influence the enunciation of the carters and cart drivers as builders of knowledge, stories, memories. From the content analysis of the articles found, we built five analytical categories that deal with different discourses about carters, in narratives, knowledge and ways of life, in professionalization, in multispecies coexistence, as a political, historical and cultural community, as targets of change behavior in educational actions. We build this analysis with the theoretical basis of Environmental Education, Political Ecology and Decolonial Studies, in order to know the ways in which cart drivers have their knowledge colonized in favor of advancing the project of capitalist modernity. Within this framework, we were able to understand the hegemonic or counter-hegemonic positions present in the articles studied and affirm the carters' ways of life as carriers of knowledge and traditional ways of life.

Keywords: Carters; Environmental Education, Political Ecology; Decoloniality.

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna vive sob o espectro da lógica colonial que dualiza as relações entre natureza e cultura, opondo uma à outra. Os estudos que denunciam a colonialidade consideram a continuidade dessa lógica como essencial para a manutenção da hegemonia capitalista nos tempos atuais (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017; MALDONADO-TORRES, 2018). Portanto, há uma diferenciação entre o colonialismo, que teve um fim enquanto sistema político, e a colonialidade, prática sem a qual não seriam possíveis os avanços do capitalismo moderno/colonial (QUIJANO, 2005). A isso, Mignolo (2017) acrescenta que a modernidade e a colonialidade são, em verdade, um par que constitui, em relação de interdependência, o sistema-mundo da modernidade/colonialidade. Ou seja, para que a modernidade avance é necessário que, em paralelo, se aprofunde a colonialidade, que domina os povos oprimidos, operando, principalmente, na diferenciação racial para a subalternização destes povos e de seus saberes (QUIJANO, 2005).

O controle da subjetividade do colonizado é o elemento central do domínio colonial, responsável pela manutenção da hegemonia e supressão das vivências contra-hegemônicas (MALDONADO-TORRES, 2018). Assim, comunidades que têm forte identificação com a natureza, que constituem suas subjetividades em conjunto com plantas, animais e outros elementos naturais, sofrem com ataques constantes aos seus modos de vida. Com isso, a hegemonia moderna/colonial/capitalista pretende apagar outras experiências de relação entre cultura e natureza que podem colocar em xeque a lógica de domínio sobre o dito “mundo natural”, instaurada com a separação dualista de sociedade/cultura e natureza (QUIJANO, 2005). Porém, o sistema-mundo moderno/colonial tem frestas, para as quais a decolonialidade se direciona, especialmente na América Latina. Este campo busca reconhecer, legitimar e praticar aquilo que está para além da modernidade, orientado por uma perspectiva crítica e contra-hegemônica.

No enfrentamento a esse sistema moderno/colonial/capitalista, a Ecologia Política também surge como um novo e heterogêneo campo de pesquisa teórica, investigação científica e ação política, que busca descolonizar o conhecimento e legitimar outros saberes e relações socioambientais (LEFF, 2016). Reconhecendo a luta ambiental como luta pelo bem comum, a Ecologia Política na América Latina assume como lugar de enunciação a busca pela identidade

latino-americana e a desconfiança em relação à racionalidade eurocêntrica, já que o conhecimento é uma forma de regulação historicamente pautada por estratégias de poder.

A lógica que compreende a cultura e a natureza como opostas exclui as outras espécies, não-humanas, que constroem coletivamente comunidades bioculturais. Desse modo, passa-se a compreender que as manifestações culturais são produto apenas da ação humana, ignorando suas relações com outras espécies de seres vivos, que acabam sendo caracterizadas como incapazes de produzir cultura. Segundo Almada e Venâncio (2021) esse movimento participa daquilo que chamamos de colonialidade do ser e do saber e implica no apagamento dos saberes e modos de vida produzidos por outros viventes.

Dentre as relações multiespécies, as que se desenvolvem entre seres humanos e equinos são milenares, se constituíram pelas mais diversas formas em cada época e sociedade e se caracterizam por relações de afetividades e significações do mundo através desse convívio (ALMADA; VENÂNCIO, 2021). Carroceiros, charreteiros e cocheiros são herdeiros dessas relações. Eles constituem uma comunidade dotada de saberes tradicionais oriundos de grupos rurais como, por exemplo, os boiadeiros, tropeiros e muladeiros. A comunidade carroceira remonta ao início do processo de ocupação de territórios e constituição de cidades, no final do século XIX. Foram esses homens e mulheres, juntamente com seus equinos, os responsáveis pelo transporte de materiais de construção, alimentos, água, mantimentos e outros recursos essenciais para a manutenção e construção das cidades.

Esta comunidade produz modos de vida que envolvem uma ampla rede de relações interespecíficas e interétnicas que produzem formas singulares de sociabilidade e de territorialização. Nesse sentido, podemos compreender que os modos de vida carroceiros dizem de formas peculiares de ver, sentir e significar o mundo e a natureza e, portanto, carroceiros e charreteiros são sujeitos que importam à educação, aos estudos socioambientais e multiespécies. Atualmente há um debate recorrente em diversos municípios do Brasil que busca, através de projetos de lei, proibir a circulação de veículos de tração animal nas áreas urbanas das cidades. Assim, sob a acusação de maltratarem seus animais, os carroceiros e charreteiros urbanos vem sendo, cada vez mais, pressionados a abandonarem suas atividades, trabalhos e identidades.

Compreendemos que tal movimento faz parte de um projeto de modernização que tem por objetivo excluir certos sujeitos e atividades culturais que não condizem com o ideal de modernidade. Projeto esse que utiliza de pautas importantes que circulam no seio social (nesse caso, a da proteção animal) para legitimação dessas ações. Nesse sentido, compreendemos este atual cenário no âmbito de conflitos socioambientais, que opõem protetores animais, carroceiros e charreteiros e que impactam esses últimos com injustiças ambientais⁵, racismo ambiental⁶, que levam ao apagamento e a criminalização de seus modos de vida.

⁵ De acordo com Acsegrad e Segre (2004) a injustiça social e a degradação ambiental possuem a mesma raiz, de modo que o conceito de injustiça ambiental se categoriza como “el mecanismo por el que las sociedades desiguales, desde el punto de vista económico y social, consignan la mayor carga de los daños ambientales del desarrollo sobre las poblaciones de baja renta, los grupos racialmente discriminados, los pueblos étnicos tradicionales, los barrios obreros, las poblaciones marginales y vulnerables” (ACSELRAD & SEGRE, 2004, p. 239).

⁶ Segundo Herculano e Pacheco (2006), o racismo ambiental é uma das vias pela qual as injustiças ambientais se manifestam, que recaem de maneira desproporcional sobre povos vulnerabilizados e comunidades etnicoraciais.

Através dessa inquietação, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental (GEA) da Universidade Federal de Juiz de Fora vem pensando as resistências, existências e conflitos da comunidade carroceira e charreteira na cidade de Juiz de Fora, MG através de um projeto de iniciação científica. O presente artigo é resultado de um levantamento bibliográfico realizado no âmbito deste projeto. O objetivo deste estudo foi compreender as enunciações sobre a comunidade carroceira que surgem nos artigos investigados, situados nas plataformas acadêmicas CAPES e SciELO. A análise também buscou identificar os diversos discursos sobre as práticas educativas realizadas para/com esses sujeitos e relacioná-las às discussões do campo da Educação Ambiental (EA), para entender como essas perspectivas influenciam a enunciação dos carroceiros e charreteiros enquanto construtores de saberes, histórias, memórias. Nos interessa investigar que tensões podem surgir entre a produção de conhecimentos científicos e populares/tradicionais, e como essa dinâmica se relaciona com a reprodução da hegemonia moderna/colonial/capitalista, bem como à resistência de modos de vida contra-hegemônicos.

METODOLOGIA DO ESTUDO

A metodologia do presente estudo caracteriza-se pela pesquisa qualitativa, por meio da Análise de Conteúdo. Segundo Tozoni-Reis (2009), no campo da produção científica da educação há crescentes interesses pela Análise de Conteúdo como técnica de análise de dados que vem tendo destaque entre os métodos qualitativos. De acordo com Bardin (2011, p. 37) “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, em que a descrição analítica se estabelece a partir de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. No entanto, segundo a autora, tal análise não se limita ao conteúdo, podendo ser uma análise dos significados (análise temática), como, também, uma análise dos significantes (análise lexical, análise dos procedimentos). Nesse sentido, é necessário que se estabeleça a finalidade da análise, uma vez que sua intenção é “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2011, p. 44).

A investigação das publicações nas plataformas da CAPES e SciELO teve como objetivo levantar e analisar produções acadêmicas que trazem com centralidade temáticas relacionadas aos carroceiros no Brasil, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos relacionados aos modos de vida do carroceiro.

O desenvolvimento e a metodologia de análise de conteúdo deste estudo foram realizados e ancorados em quatro etapas. A primeira etapa consistiu na busca nas plataformas da CAPES e SciELO através das seguintes palavras-chaves: carroça; carroceiro; charrete; charreteiro e tração animal, sem estabelecimento de recorte temporal. O *corpus* de produções obtida nesse momento continha diversos artigos que apresentavam tais palavras, mas que não traziam com centralidade carroceiros/charreteiros como tema de interesse e foco de estudo. Deste modo, a segunda etapa consistiu em selecionar - após uma leitura flutuante - quais produções fariam parte do *corpus* final. Nosso critério de exclusão e inclusão foi justamente a ausência ou presença respectivamente de centralidade de temáticas de estudos relativos aos sujeitos condutores de tração animal. Assim,

após tal seleção, obtivemos um *corpus* composto por 11 artigos, apresentados no quadro 1. A terceira etapa realizada consistiu na análise do material selecionado, que foram lidos em profundidade e categorizados quanto à eixos de análise apresentados no quadro 2, levando em consideração como os carroceiros/charreteiros são enunciados em narrativas, saberes, profissionalização e modos de vida em tais trabalhos.

Abaixo, o quadro 1 apresenta dados sobre os artigos levantados:

Quadro 1 - Publicações levantadas nas plataformas CAPES e SciELO

Título	Plataforma	Área do conhecimento	Região
Dignidade humana e combate ao racismo ambiental: acordo regional de Escazú e Programa E-Carroceiros, em Fortaleza, Ceará. (POMPEU; ARAÚJO, 2020).	CAPES	Direito	Nordeste
Caracterização do manejo e condutor de equídeos de carroça na área urbana de São Luís, MA. (BARBOSA et al., 2020).	CAPES	Medicina Veterinária	Nordeste
Perfil socioeconômico de tutores e proposição de avaliação do bem-estar em muare de tração extratores de areia no Rio Paraíba. (RIBEIRO et al., 2020).	CAPES	Medicina Veterinária	Nordeste
Brincando de bonecos: um ensaio benjaminiano sobre mimesis. (DAWSEY; SANTANA, 2020).	SciELO	Antropologia	Sudeste
Os carroceiros do Recife (1870-1890): organização, insubordinação e relações de poder. (GOMES, 2020).	SciELO	História	Nordeste
Associativismo e greves: Cocheiros e carroceiros na cidade de Manaus. (1900-1925). (PEREIRA, 2018).	SciELO	História	Norte
Processos de Rurbanização Contemporânea - o transporte de tração animal em cidades de médio porte: um estudo de caso. (FROEHLICH et al., 2017)	SciELO	Ciências Sociais	Sudeste
Projeto carroceiro de Florianópolis. (LEME et al., 2014).	CAPES	Medicina Veterinária	Sul
Greve como luta por direitos: as paralisações dos cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906). (TERRA, 2014).	CAPES	História	Sudeste

Aspectos pedagógicos e didáticos do “Projeto Carroceiro” no município de Petrolina: bem estar de equídeos e preocupação social. (BARBOSA et al., 2011).	CAPES	Medicina Veterinária	Nordeste
Carroceiros e equídeos de tração: um problema sócio-ambiental. (OLIVEIRA et al., 2007)	SciELO	Geografia	Sudeste

Fonte: elaborada pelas/os autoras/es, 2023.

Levantamos 11 artigos de diversas áreas do conhecimento e abordagens, sendo 6 da plataforma CAPES e 5 da plataforma SciELO, publicados entre 2007 e 2020. Dos 11 artigos, 5 foram publicados em 2020, de áreas de conhecimento variadas, o que demonstra a atualidade da discussão. Quanto às regiões do Brasil, 5 artigos foram realizados no Nordeste, 4 no Sudeste, 1 no Norte e 1 no Sul, sendo, então, um tema abrangente no território brasileiro.

Dentre os 11 artigos, 8 enquadram-se como pesquisas empíricas, que investigam o objeto da pesquisa a partir de dados obtidos por meio de experiências e/ou vivências; 2 como relatos de experiência, que trazem reflexões acerca de ações desenvolvidas no âmbito de projetos de pesquisa; e 1 como ensaio, que realiza uma reflexão teórica sobre o tema do artigo.

A COMUNIDADE CARROCEIRA NA LITERATURA ACADÊMICA

Na análise, construímos cinco categorias analíticas para discutir os resultados desse estudo, visando pensar como e onde tais produções bibliográficas encontram lugar de enunciação dos carroceiros e como, discursivamente, adentram tais categorias, que podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 2 - Categorias analíticas e número de artigos

Categorias Analíticas	Número de artigos	Frequência
Carroceiros enquanto profissionais	07	63,6%
Carroceiros enquanto comunidade política, histórica e cultural	04	36,3%
Carroceiros em narrativas, saberes e modos de vida	02	18,1%
Carroceiros enquanto alvo de mudança comportamental em ações educacionais	05	45,4%
Carroceiros e animais: relações recíprocas?	11	100%

Fonte: elaborada pelas/os autoras/es, 2023.

Na construção de tais categorias, levamos em consideração a importância cultural dos carroceiros e dos animais de tração, a posição destes nos trabalhos em que houveram ações educativas, a consideração, ou não, de seus saberes tradicionais e a perspectiva sobre a relação entre sociedade e natureza, nas figuras do ser humano e dos equídeos de tração.

A seguir, abordaremos cada categoria separadamente, considerando que alguns artigos foram posicionados por nós em mais de uma categoria.

CARROCEIROS ENQUANTO PROFISSIONAIS

De acordo com Barbosa et al. (2020) no Brasil, os carroceiros representam uma categoria de trabalhadores que compõem o mercado informal, exercendo suas atividades em centros urbanos das diferentes regiões do país. Com isso, podemos identificar em alguns municípios e centros urbanos brasileiros a utilização de carroças e charretes executando trabalhos autônomos, transportes e escoamento da produção rural familiar, caracterizando economia de subsistência de baixa remuneração (RIBEIRO et al., 2020 citado em IBGE, 2016; FRANÇA et al., 2018; SCHMIDEK, 2018).

Carroceiros utilizam suas carroças para realizar distintas atividades, encontrando nessa estratégia de sobrevivência maneiras de superarem a vida em um contexto de exclusão social e violência. Dentre essas atividades, destacamos o uso da carroça presente nos artigos para: entregar leite; recolher lavagem que alimenta porcos de sua própria criação; carregar entulhos para fazer a limpeza de um determinado local; carregar o plantio e a colheita de sua própria produção; se locomover para a cidade; fazer fretes; carregar materiais em geral (FROEHLICH et al., 2017; BARBOSA et al., 2020). Tais agentes também utilizam o sistema de charretes ou até mesmo a carroça para transportar grupos e famílias para atividades recreativas.

Esses modos carroceiros identificados nos artigos, cuja a prática é histórica e construída por gerações, enfrentam resistências. Carroceiros frequentemente são marginalizados, compreendidos pela sociedade como pessoas de pouca instrução, o que acarreta os mais distintos contextos de exclusão e dificuldades na profissão. Oliveira et al. (2007, p. 205) citam enquanto problemas associados à atividade profissional dos carroceiros a “exclusão social, desobediência às leis de trânsito e de proteção à infância e adolescência, bem como às leis de proteção aos animais, destinação incorreta de entulhos, entre vários outros”.

Por isso, podemos pensar que a cidade rompe, fere, violenta os modos de vida historicamente construídos, ocultando as subjetividades e produzindo uma indesejável condição de marginalidade social aos carroceiros (FROEHLICH et al., 2017). Essa afirmação nos remete a pensar que o carroceiro ao ser negado, perde sua autonomia enquanto cidadão que possui história, que é importante no contexto social do local onde habita e que se constitui pela força de seu trabalho, prestando serviços à comunidade local.

Nas publicações pesquisadas, há menção a diversos conflitos entre carroceiros e segmentos econômicos específicos. No artigo de Gomes (2020), o autor analisa a disputa entre carroceiros e a empresa locomotora pernambucana pelo transporte de cargas em Recife, quando as carroças tradicionais passaram a concorrer com linhas de carris. Essa disputa gerou pressões, repressões, competições, concorrências e resistências que se arrastaram por anos e, nessa realidade, os carroceiros foram vitoriosos a partir da organização de uma associação carroceira para reivindicar e lutar pelo direito de exercer o ofício na cidade, visto que diversas foram as tentativas de findar com as atividades dos carroceiros naquele contexto (GOMES, 2020).

Os carroceiros historicamente conviveram em um cenário de precariedade e restrições. Na época da República Velha (1889-1930), por exemplo, faziam trabalhos de transportes e recolhimento de lixo sem nenhum direito ou segurança. Nesse período, no Rio de Janeiro, por exemplo, os carroceiros entraram em greve por direitos, o que ocasionou grande repercussão, já que eram responsáveis pela coleta de lixo urbano e, assim, o lixo deixou de ser recolhido das casas, como nos conta Terra (2014):

Nas greves dos cocheiros e carroceiros relacionados a leis e regulamentos, em alguns casos os trabalhadores tentaram negociar com órgãos competentes, porém, somente a paralisação de serviços essenciais para a cidade - como a recolha de lixo ou o transporte de mercadorias e pessoas- levou as autoridades a dialogarem com eles e atenderem suas demandas em quatro das cinco greves relativas à legislação e aos regulamentos (TERRA, 2014, p. 248).

Na realidade apresentada das lutas dos carroceiros por direitos e ainda, mediante um cenário de tanta precariedade e restrições, os carroceiros e cocheiros encontraram maneiras de lutar pelo que consideravam seus direitos e modos de alargá-los. Essa luta ocasionou a identificação da greve como uma maneira de intervenção da classe trabalhadora carroceira na cena política ao longo do século XX, além da força por parte dos trabalhadores no espaço público.

A história de luta da classe carroceira mostra que estes profissionais carregam marcas de exclusão e preconceito, associadas ao trabalho informal com poucos direitos e baixa remuneração. Além disso, ainda hoje carroceiros são identificados como sujeitos despreparados na lida com a carroça e com os equídeos, inclusive com a acusação de alguns grupos de Proteção Animal de submeterem seus animais a sofrimentos intensos devido ao trabalho (LEME et al., 2014; RIBEIRO et al., 2020).

Carroceiros também trazem singularidades a respeito de sua escolarização. Muitos desses sujeitos não tiveram o direito da escolarização, devido a diversos fatores: trabalho precoce, a distância da escola, a falta de incentivo e políticas públicas a eles direcionadas, entre outros (OLIVEIRA et al., 2007). O aprendizado da profissão se dá frequentemente com familiares e colegas carroceiros, articulando saberes populares tanto sobre o manejo dos animais como das carroças. Isso pode contribuir para a ideia, de alguns setores da sociedade, de que carroceiros não possuem os conhecimentos necessários para sua profissão e são marcados pelo atraso frente os avanços tecnológicos no setor de transporte.

Essa situação se expressa ao longo de séculos em que a profissão de carroceiro vem perdendo espaço para a urbanização. O lugar do carroceiro está ficando cada vez mais estreito na sociedade. Com isso, entendemos que além da questão do espaço e do crescimento do trânsito de veículos automotores, a figura do carroceiro na cidade é vista como um atraso ao progresso. Estigmatizados ao longo dos anos, os carroceiros na atualidade não são mais considerados úteis para a modernidade. E são estigmatizados também como pessoas de pouca instrução, rurais, não urbanos. Nessa perspectiva, “ser urbano, conforme nos indicam os dicionários da língua portuguesa, é não somente pertencer à cidade, mas é igualmente ser cortês, afável, civilizado” (FROEHLICH et al., 2017, p. 159). Nessa perspectiva, os modos de vida profissionais dos carroceiros vêm se modificando ao longo dos anos nas cidades e no meio rural, fazendo novas maneiras de ser carroceiros e charreteiros.

CARROCEIROS COMO COMUNIDADE POLÍTICA, HISTÓRICA E CULTURAL

Neste eixo discutimos o modo como nos artigos estudados os carroceiros são entendidos em sua historicidade, isto é, como sujeitos posicionados histórica, cultural e socialmente no tempo e no espaço. Encontramos quatro artigos que atravessam com força esse eixo: a produção de Gomes (2020), de Pereira (2018) e de Terra (2014), na História; e a produção de Froehlich et al. (2017) nas Ciências Sociais.

Os trabalhos da História apresentam alguns eixos em comum, que nos ajudam a entender melhor como os carroceiros são historicamente representados. O primeiro é que os textos discutem a presença carroceira em capitais brasileiras, sendo elas o Recife - PE, Manaus - AM e o Rio de Janeiro - RJ. O segundo é o recorte temporal que também é semelhante nos três, tratando de discorrer sobre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX. É interessante perceber que esse período corresponde àquilo que muitos/as pesquisadores/as vêm descrevendo como momento crucial da implementação dos valores políticos e culturais da modernidade no Brasil e no mundo, sobretudo nos grandes centros urbanos (OLIVEN, 2001). Uma terceira semelhança é que tais artigos têm como tema central as lutas sociais dos condutores de tração animal, com destaque para mobilizações políticas dos sujeitos nas épocas pesquisadas, enunciando os carroceiros enquanto comunidade que luta e se mobiliza coletivamente.

Os três eixos que atravessam estes trabalhos dialogam com uma análise da modernidade. Sobre este ponto, o que encontramos é uma problematização mais robusta da transição para a modernidade no texto de Pereira (2018), que faz uma análise da imposição dos ideais de progresso atravessada pelas paralisações de cocheiros e carroceiros em Manaus. A historiadora discorre sobre como, no período analisado (1884-1925), a cidade passava por mudanças culturais que renegavam as tradições de origem indígena, ao mesmo tempo em que incorporava características ocidentais (MESQUITA, 2006 citado em PEREIRA, 2018). É dentro desse debate que a autora irá discutir a luta da categoria, tratando as greves e associações de classe como resposta a imposição da modernidade que refletia nas vidas dos sujeitos, segundo ela:

A imposição da modernidade não se concentra apenas na arquitetura da cidade ou no seu comércio, mas permeia o cotidiano da população local que enfrenta essa cidade e suas constantes transformações, seus novos sentidos e significados. Seguindo a lógica capitalista, no bojo das diversas e diferentes transformações, forjaram-se novos sujeitos sociais, os trabalhadores urbanos (...). Pensar a construção dessa cidade significa analisar os sujeitos que estavam inseridos nela: ora trabalhando, ora reivindicando, ora lutando ou resistindo. (PEREIRA, 2018, p. 46).

Desse modo, o artigo enfatiza a luta dos trabalhadores num contexto em que a cidade de Manaus vinha sendo cada vez mais atravessada por mudanças estruturais e culturais em prol do ideal moderno-ocidental de urbanização e civilidade. Já o trabalho de Gomes (2020) traz o contexto histórico dos ideais de modernidade e progresso com menor ênfase, mas destaca significativamente as articulações dos trabalhadores em prol dos seus direitos e existências.

O autor acima trata de um conflito específico que se deu na cidade do Recife (PE), onde houve disputas entre os carroceiros e uma empresa locomotora entre os anos de 1870 e 1890. Esse conflito é contextualizado no artigo como resultado da modernização dos transportes na época, que ameaçava a exclusividade que os carroceiros tinham no setor. É interessante o protagonismo

que os carroceiros ganham na abordagem: se sentindo ameaçados com a presença da locomotora, eles se mobilizam em associações para frear seu avanço sobre a categoria. Segundo o autor, essas associações se caracterizavam pela ajuda mútua e por ações contra a empresa como, por exemplo, manifestações que impediam o trânsito dos carros da locomotora. O artigo também contextualiza como eram os trabalhos dos carroceiros do Recife na época selecionada, destacando o papel das agências e empresas que incorporavam as carroças nos seus serviços.

No artigo redigido por Terra (2014) o foco do texto é pensar nas diversas greves e paralisações efetivadas pela categoria de cocheiros e carroceiros na cidade do Rio de Janeiro (RJ) no período de 1870 a 1906. A discussão específica sobre modernidade não aparece, embora traga temas que a situe nas entrelinhas. O foco do texto está em pensar o trabalho e os direitos da categoria no período. O autor pontua que os trabalhadores de veículos de tração animal eram a categoria que mais executava greves na capital do país até então. Terra (2014) nos ajuda, dessa forma, a compreender qual lugar os carroceiros e cocheiros ocupavam nas cidades brasileiras nesse momento. Sendo a principal fonte de transporte na época, sua paralisação refletia em todo o funcionamento urbano.

Deste modo, nos artigos estudados que se comprometem a trazer uma abordagem histórica dos condutores de tração animal, vemos trabalhos que destacam a importância desse grupo social para a formação do Brasil contemporâneo, tendo sido por décadas a principal forma de transporte das cidades. Vemos também que a categoria sofria, nos grandes centros urbanos, com normas vindas dos governos e de empresas que buscavam condicioná-la ao ideal de cidade moderna impostos naquele momento. Como reação a tais movimentos é nítido que o grupo não era passivo a tais imposições, tendo se mobilizado fervorosamente em prol dos seus interesses. Nestes textos não encontramos nenhuma associação com o tempo presente, tendo tido como foco apenas as décadas selecionadas pelos pesquisadores.

O artigo de Froehlich et al. (2017) traz um recorte social e cultural dos carroceiros enquanto fruto de uma pesquisa etnográfica realizada na cidade de Seropédica (RJ), que trata do movimento de rurbanização, isto é, de relações híbridas entre o rural e o urbano na cidade pesquisada. O artigo trabalha a importância cultural que os carroceiros têm no local, e em como a carroça habita a memória dos seus habitantes. Trabalhando com temporalidades do presente, os autores refletem também os impactos sociais que as carroças vêm sofrendo recentemente, sobretudo de marginalização e inferioridade perante outros veículos. Esse trabalho traz com destaque a força da cultura da carroça na cidade que transita entre aquilo que é rural e aquilo que é urbano, sendo os carroceiros um forte elemento dessa condição. Os autores propõem intervenções políticas para que a dignidade e a existência dos carroceiros da cidade sejam valorizadas. Segundo eles: “Os carroceiros podem adquirir certo protagonismo social, saindo das margens, se as políticas públicas assimilarem a perspectiva da rurbanização, considerando, portanto, a integração dos espaços sociais” (FROEHLICH et al., 2017, p. 168). Os autores reconhecem esse processo como parte da resistência e do reflexo da luta pela sobrevivência em localidades geográficas que intercalam o rural e o urbano em suas existências.

No próximo eixo iremos aprofundar um pouco mais a abordagem deste artigo através do debate de como a comunidade carroceira vem resistindo, apesar das circunstâncias. Nos demais artigos estudados não encontramos uma abordagem que traga, com destaque, a comunidade

carroceira como coletivo histórico e cultural. Dessa forma, num corpo de 11 publicações apenas 04 localizaram os carroceiros nesse contexto.

CARROCEIROS EM NARRATIVAS, SABERES E MODOS DE VIDA

Segundo Oliveira e Almada (2019) a comunidade carroceira desenvolveu, ao longo dos anos, um modo de vida próprio, tradicional, que carrega consigo saberes, memórias e conhecimentos de uma identidade que se firma entre o natural e o urbano, entre a natureza e as estradas. Os autores dissertam que essa comunidade herdou saberes oriundo dos povos tropeiros, ciganos, indígenas, quilombolas, entre outros, tais saberes foram sendo ressignificados e transformados pelos carroceiros ao longo dos anos. Desse modo, no presente eixo identificamos e discutimos as formas com que, nos artigos estudados, ressalta-se ou não os saberes e modos de vida carroceiros.

Dois artigos levantados apresentaram, com algum destaque, uma valorização das subjetividades carroceiras, sendo eles o de Dawsey e Santana (2020) e o de Froehlich et al. (2017). O primeiro traz a relação de um carroceiro com a cidade de Piracicaba (SP), discutindo narrativas do Senhor Elias - carroceiro, coletor de resíduos sólidos e artesão. Segundo os autores, Sr. Elias vivencia a cidade juntamente com seu cavalo chamado Lontra, que o acompanhou por anos de vida e trabalho.

Sr. Elias, nos conta Dawsey e Santana (2020), é um sujeito que toma o gesto artístico de povoar as margens do rio com bonecos, feitos artesanalmente por ele e criados de forma semelhante a “velhos barraqueiros”. Porém, tais obras trazem semelhanças com moradores e antigos moradores da cidade, especificamente sujeitos que, como Elias, nasceram, viveram e trabalharam nas margens do rio, até certo ponto quando, com a modernização da cidade muitos desses trabalhadores acabaram deixando suas vidas dali.

Através do trabalho etnográfico, Dawsey e Santana (2020) analisam como as memórias e a vida de Elias, permitem a representação da cidade e o entorno do rio, criando bonecos que se assemelham a antigos moradores do local. O artigo traz em si as identidades e signos que a experiência de vida do senhor Elias - atravessada pela cidade, pela carroça e por suas memórias - formou, valorizando sua subjetividade e sua forma de resistir ao processo de modernização e gentrificação da região: repovoando-a com bonecos de moradores que dali foram retirados.

Já no artigo de Froehlich et al. (2017), o indicador de valorização dos saberes e modos de vida carroceiros aparece de forma mais direcionada à relação dos carroceiros com suas carroças e animais. Trabalhando com a presença desses modos de vida em locais de rurbanização (que transitam entre o rural e o urbano), o artigo defende a importância sociocultural dos carroceiros para a sociedade. Ele evoca histórias pessoais de alguns carroceiros da cidade de Seropédica (RJ), trazendo um pouco de suas trajetórias e modos de vida atravessados pela carroça na cidade. Assim como no artigo anterior, não encontramos neste uma referência aos saberes no trato com os animais, porém, neste, vemos referências aos saberes do trabalho de carroceiro e também na construção de carroças e charretes, bem como no uso de ferramentas para a manutenção destas. Porém, o que mais se destaca nessa produção são as narrativas construídas acerca da vida de quatro carroceiros, atravessadas pelo trabalho, pelo campo, pela cidade e pelos animais.

Esses dois artigos aqui citados, embora de natureza e temáticas diferentes, trazem um ponto importante em comum: reconhecem que os sujeitos de suas respectivas pesquisas resistem com suas existências e modos de vida na cidade, bem como identificam o cruel movimento de marginalização que tais trabalhadores tradicionais são submetidos nesses processos de modernização das cidades, como podemos ver no trecho:

(...) ao tomar frente, a cidade rompe, fere, violenta modos de vida historicamente construídos, com forte carga simbólica e modos próprios de expressão, e assim oculta as subjetividades criadoras, produzindo uma indesejável condição de marginalidade social (FROEHLICH et al., 2017, p. 168).

Deste modo, do total de 11 artigos, apenas dois destacam as narrativas, saberes e modos de vida carroceiros na direção de criar valor a elas, situando carroceiros não como grupo que necessita de modificar seus comportamentos e adaptar-se aos tempos modernos, mas sim valorizando-os enquanto sujeitos portadores de saberes, memórias e subjetividades próprias.

CARROCEIROS ENQUANTO ALVO DE AÇÕES EDUCATIVAS PARA A MUDANÇA COMPORTAMENTAL

Outra enunciação presente em alguns artigos analisados foi a de carroceiros como objetos de ações educativas nas quais o saber acadêmico sobre o manejo de equídeos foi apresentado como único caminho para o bem-estar animal. Dentre os 11 artigos estudados, 5 se enquadram nesse eixo. Nestas abordagens, percebemos a presença de uma forma de educar específica, que tem como objetivo final a mudança comportamental dos sujeitos envolvidos no processo educativo e que ocorre em detrimento de seus saberes de origem cotidiana, no trato com os animais.

Diversos autores da educação ambiental na atualidade denunciam essa forma de pensar e praticar a EA, cujo foco da mudança comportamental recai sobre os indivíduos e suas ações, sem considerar os modos de produção e reprodução social que determinam suas formas de agir. De maneira similar, os processos educativos desenvolvidos ou sugeridos nos artigos analisados tendem a ignorar os complexos recortes sociais que perpassam as relações de trabalho e cultura da comunidade carroceira. Assim, essas ações educativas responsabilizam indivíduos por efeitos sistêmicos, no caso os maus-tratos aos animais, banalizando assim aspectos estruturais (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Percebemos também que não há um diálogo que considere os saberes tradicionais dos carroceiros e sim o objetivo de disseminar informações científicas sobre o manejo dos equídeos de tração para a dita conscientização desses trabalhadores.

No artigo de Leme et al. (2014, p. 44), por exemplo, condutores de VTA da zona urbana de Florianópolis são apresentados logo na introdução como “pessoas que desconhecem os cuidados mínimos necessários para o manejo de equídeos”, sendo estes responsáveis pelos episódios de sofrimento animal envolvendo equídeos que acontecem na cidade. A enunciação dos carroceiros segue ao longo do texto na linha de expor suas falhas no manejo, e até mesmo a crueldade e a falta de empatia com animais, o que levaria, segundo os autores, ao abandono destes. É perceptível a omissão de problemas sociais diversos pelos quais os carroceiros passam e influenciam também na condição de saúde dos equídeos. Simplificando as causas desses conflitos, o projeto apresenta como solução a conscientização, abstrata e genérica, dos carroceiros envolvidos.

Identificamos nestes 5 artigos analisados uma proximidade com o que Brügger (1994) chama de Adestramento Ambiental, um tipo de prática dentro da Educação Ambiental na qual prevalece o comportamentalismo. Em detrimento de processos formativos críticos, o adestramento é apolítico, dado de forma vertical, sem considerar os saberes populares e quase sempre aplicado por um grupo social que não vivencia a realidade dos sujeitos que tomam parte do processo educativo. Sobre isso, Brügger (1994, p. 133) diz que “essa atitude arrogante pressupõe que o conhecimento verdadeiro (a ciência cartesiana) é detido pelos membros de uma determinada sociedade” e “reforça implicitamente o conceito de barbárie e subdesenvolvimento para as outras”. Nos artigos aqui investigados, frequentemente a figura do carroceiro é enunciada com essa carga de ignorância e barbárie, como no texto de Barbosa et al. (2011), onde os autores afirmam que, por falta de informação, os carroceiros submetem seus animais a jornadas intensas de trabalho, desnutrição e outras condições que comprometem o bem-estar animal.

Alguns trechos analisados contêm generalizações sobre maus-tratos praticados por carroceiros contra seus animais. Na introdução do artigo de Barbosa et al. (2020), em intertexto⁷ com citação indireta da organização não governamental SPAD (Sociedade Protetora dos Animais de Divinópolis), os/as autores/as nos dizem que os equídeos de tração são “na maioria das vezes vítimas de maus-tratos devido à sobrecarga e aos horários prolongados de trabalho a que são submetidos, condição intensificada pelo clima tropical” e, ainda “normalmente, quando fraquejam, são açoitados em locais que causam grande dor” (BARBOSA et al., 2020, p. 2).

Ao longo do artigo supracitado, porém, essas informações entram em contradição com as entrevistas realizadas com carroceiros de São Luís do Maranhão, que afirmam em sua totalidade, por exemplo, nunca utilizar o chicote para bater em seus animais. Talvez por conta destes resultados, na conclusão do artigo há uma mudança no tom das críticas aos carroceiros, inclusive reconhecimento dos saberes desses sujeitos sobre o manejo e bem-estar animal.

De forma similar, o trabalho de Oliveira et al. (2007) evidencia contradições entre a bibliografia utilizada e os dados levantados nas entrevistas com carroceiros de Uberlândia, em sua maioria advindas de generalizações dos maus-tratos animais contra a demonstração de preocupação com o bem-estar animal por parte dos sujeitos entrevistados. Os/as autores/as reconhecem que tais contradições surgem de um contexto social de insegurança vivido pela comunidade carroceira.

Com a análise dos textos desse eixo, ficou evidente a ausência de uma abordagem politizada, histórica e socialmente embasada, que poderia trazer novas camadas de complexidade às ações educativas com a comunidade carroceira. Loureiro (2019) reforça que as ações educativas junto de comunidades somente são significativas quando esta é sujeito prioritário da ação, ou seja, seus saberes e vivências são elementos centrais de todo o processo, de modo que os membros da comunidade exerçam protagonismo na troca de saberes. A lógica da mudança comportamental, por outro lado, reforça a colonialidade do ser, do saber e do poder, ao ter como objetivo a erradicação de modos de vida tidos como atrasados frente à modernidade europeia (BRÜGGER, 1994; WALSH, 2012).

⁷ A intertextualidade, segundo Fairclough (2001), permite analisar o posicionamento do texto em relação às lutas hegemônicas através da articulação com outros textos específicos, que corroboram esse posicionamento.

CARROCEIROS E ANIMAIS: RELAÇÕES RECÍPROCAS?

Por fim, trazemos este último eixo em forma de pergunta, por ser uma questão que atravessa, sem conclusão, as discussões de todos os artigos. Ao pensar em relações recíprocas entre seres humanos e não-humanos, tocamos na dualidade entre sociedade e natureza instaurada pela lógica moderno/colonial/capitalista (QUIJANO, 2005). Buscamos aqui identificar qual a posição que carroceiros e seus animais ocupam nos artigos analisados, quais as separações ou aproximações a partir de uma perspectiva crítica sobre o par sociedade e natureza.

Os 4 artigos analisados da área da Saúde (Medicina Veterinária) tratam do bem-estar dos equídeos de tração, a partir do reconhecimento da senciência destes animais. Frente a isso, os autores frequentemente apontam os carroceiros como sujeitos que não são empáticos com seus animais e conseqüentemente não proporcionam bem-estar a eles. Por mais que tragam para o centro o bem-estar dos animais, esses artigos partem da dicotomia e hierarquia entre humanidade e natureza (RUFINO et al., 2020). Esse assunto foi tratado em parte na categoria anterior, onde discutimos que essa concepção generalizante torna a comunidade carroceira alvo de ações educativas para a dita mudança comportamental.

Portanto, podemos inferir que não é considerada uma reciprocidade entre carroceiros e seus animais nos artigos relativos ao bem-estar animal, já que não é evidenciada a capacidade dos equídeos de ter papel ativo na relação com seus tutores, servindo apenas como ferramentas de trabalho. Apenas Oliveira et al. (2007) trazem um elemento diferente ao escreverem sobre a importância de estudar as relações entre ser humano e animais domesticados, muitos destes compondo o que chamam de fauna urbana, para alargar a compreensão da Educação Ambiental sobre outras formas de relação humano/natureza não dicotômicas. Ainda assim, por mais que o debate sobre domesticação possa ter novos elementos de análise que conversam com uma possível reciprocidade entre carroceiros e equídeos, os autores não aprofundam esse tema e remetem a uma concepção de exploração similar aos outros textos.

Por outro lado, encontramos nos artigos que estão posicionados em outros eixos enunciações que consideram outros modos de relação e reciprocidade entre carroceiros e equídeos. Dawsey e Santana (2020), que escrevem com a figura do carroceiro Elias e seu cavalo Lontra, diferenciam-se dos outros autores por tratarem o cavalo pelo seu nome e por considerarem que ele é a companhia de Elias em seu trabalho de coleta de sucata. Essa percepção se aproxima da visão dos carroceiros de Belo Horizonte retratada no texto de Oliveira e Almada (2019, p. 7), que demonstra “que os cavalos não são instrumentos, mas companheiros de trabalho, e, como tal, compartilham as dores e prazeres possibilitados por essa aliança”. Podemos observar, então, uma relação recíproca, com carroceiros e animais definindo a vida uns dos outros, “uma vez que a relação com os cavalos não se reduz a uma fonte de renda, mas sim engloba os outros âmbitos da vida social” (OLIVEIRA; ALMADA, 2019, p. 5).

De modo similar, o artigo de Froehlich et al. (2017) retrata, ao trazer as falas de quatro carroceiros, a importância e centralidade dos animais na vida desses sujeitos. A reciprocidade é vista na expressão do companheirismo, no cuidado e na importância sociocultural da carroça na cidade, construída na relação entre humanos e equídeos. Ambos artigos, de Dawsey e Santana (2020) e Froehlich et al. (2017), estão enquadrados no eixo 3, que trata das enunciações das

narrativas, saberes e modos de vida carroceiros, então podemos inferir que a reciprocidade entre carroceiros e seus animais é central para a expressão desses aspectos da comunidade carroceira.

O artigo de Pompeu e Araújo (2020) também enuncia a questão de modo implícito, quando os autores abordam as melhorias nas condições econômicas e inclusão social de carroceiros participantes do Programa E-carroceiros, sob a ótica do combate ao racismo ambiental. Os autores propõem uma análise do racismo ambiental enquanto expressão da globalização em países periféricos, que coloca o bem-estar e dignidade de populações vulneráveis em risco ambiental desproporcional. Sendo assim, ao entender a comunidade carroceira como vítima desse processo, os equídeos de tração também sofrem com o racismo ambiental, visto que habitam conjuntamente áreas com falta de saneamento básico, escassez hídrica, risco de deslizamentos e alagamentos, entre outros problemas. Por outro lado, é possível inferir que melhorias na condição de vida da comunidade carroceira acarretam também em condições melhores para os equídeos, como na alimentação e em espaços de descanso adequados.

Por fim, os artigos da área de História não discutem o papel dos animais de tração nos movimentos e greves feitas por carroceiros. Essa ausência abre um questionamento que se relaciona com a discussão sobre a dualidade entre sociedade e natureza: seriam esses equídeos seres políticos? A lógica que instaura tal dualidade atribui certas manifestações culturais exclusivamente às sociedades humanas, e mais especificamente às sociedades ocidentais, como a história, economia e política. Com isso, percebemos uma relativa ausência em nosso *corpus* de discussões sobre o papel dos animais na política, o que seria também uma expressão de reciprocidade, já que eles são afetados por políticas humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui tecemos algumas considerações sobre o esforço analítico empreendido em torno dos 11 artigos estudados. Em primeiro lugar, os resultados demonstram que são poucos os artigos nas plataformas CAPES e SciELO que tratam de carroceiros como centralidade temática sob diversas perspectivas, histórica, social, cultural, artística, dentre outras. Na plataforma CAPES, a maioria dos artigos, 4 de 6, é da área da Medicina Veterinária, apresentando além de questões relativas ao bem-estar animal algumas experiências e propostas educacionais, assim como levantamentos socioeconômicos. Dentre esses, a discussão sobre Educação Ambiental assume formas generalizadas de práticas e comportamentos vistos como adequados para o manejo dos equídeos. É uma visão que desconsidera as esferas políticas, históricas e culturais ao ter a comunidade carroceira enquanto sujeito de ações educativas. Por isso, tais artigos se encontram nos eixos 1, 4 e 5, enunciando a atividade profissional de carroceiro dissociada dos modos de vida dessa comunidade e objetivando esses sujeitos como alvos de ações educativas que visam a mudança comportamental (BRÜGGER, 1994).

Já os artigos do campo da História trazem uma discussão crítica sobre as greves e modos de organização de carroceiros enquanto trabalhadores, o que contribui para a enunciação destes enquanto comunidade política, histórica e cultural no eixo 2. Abordam sua resistência e insubordinação frente ao projeto de modernização das capitais brasileiras no final do século XIX e início do século XX, com destaque para o debate sobre a modernidade como ameaça aos carroceiros realizado por Pereira (2018).

O artigo de Pompeu e Araújo (2020) se aproxima das bases teóricas ligadas a compreensão do racismo ambiental, discussão que atravessa tanto a Ecologia Política quanto os estudos decoloniais. As autoras contribuem para alargar a compreensão das injustiças socioambientais que a comunidade carroceira sofre, ao mesmo tempo que demonstram a potência de políticas públicas para o enfrentamento ao racismo ambiental, com o exemplo do Programa E-Carroceiros. Froehlich et al. (2017) trazem para a contemporaneidade a relevância sociocultural da comunidade carroceira e apontam também para a importância do protagonismo desses sujeitos para a criação de políticas públicas eficientes, em consonância com o que diz Loureiro (2019) sobre a necessidade das comunidades tradicionais como sujeitos prioritários.

Encontramos diversidade de abordagens e enunciações, em diversas áreas de conhecimento, mesmo com um *corpus* pequeno. Consideramos que é importante aprofundar os debates principalmente em relação à contemporaneidade, nos processos de desterritorialização, êxodo e proibição que atravessam os modos de vida carroceiros, enquanto expressões da colonialidade do ser, do saber e do poder (WALSH, 2012). Aqui frisamos que, para além da atividade profissional, a própria existência dos modos de vida carroceiros, a relação multiespécie com seus cavalos, burros e mulas e seus saberes correm risco de apagamento perante a hegemonia capitalista nas cidades. Estudos que tenham essa perspectiva de valorização dos saberes populares e tradicionais de grupos sociais vulneráveis, em defesa dos modos de vida em sua diversidade, são necessários para uma academia mais democrática.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H.; SEGRE, R. Brasil. Injusticias ambientales en Brasil. **Ciudad y Territorio Estudios Territoriales**, [S. l.], v. 36, n. 139, p. 239–243, 2004.

ALMADA, E.; VENÂNCIO, B. Pode a natureza falar? Perspectivas para uma educação multiespécie. In: **Revista Interdisciplinar Sulear**, ano 04, número 9 - abril/2021 .

BARBOSA, L. D.; SANTOS, M. A. M.; BATISTA, P. V. M.; MOURA, J. B.; VIEIRA, D. S.; GRADELA, A.; FARIA, M. D.; HORTA, M. C.; MILKEN, V. M. F. Aspectos pedagógicos e didáticos do “Projeto Carroceiro” no Município de Petrolina: bem-estar de equídeos e preocupação social. **Revista Conexão UEPG**, v. 7, n. 2, p. 260-265, 2011.

BARBOSA, S.; DOS SANTOS RIBEIRO, D. L. Caracterização do manejo e condutor de equídeos de carroça na área urbana de São Luís, MA. **Pubvet**, [S. l.], v. 14, n. 07, 2020.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas. 1994.

DAWSEY, J. C., SANTANA, C. S. Brincando de bonecos: um ensaio benjaminiano sobre mimesis. **Horizontes Antropológicos**, v. 26, n. 56, p. 29-56, 2020.

FROEHLICH, J.; MONTEIRO, R. ; ERICEIRA, R. Processos de Rurbanização Contemporânea - o transporte de tração animal em cidades de médio porte: um estudo de caso. **Interações**, v. 18, p. 157-169, 2017.

GOMES, A. Os carroceiros do Recife (1870-1890): organização, insubordinação e relações de poder. **Revista Mundos do Trabalho (online)**, v. 12, p. 1-18, 2020.

HERCULANO, S.; PACHECO, T. . Introdução: "Racismo ambiental", o que é isso? In: HERCULANO, S.; PACHECO, T. (Org.). **Racismo Ambiental - I Seminário Brasileiro contra o Racismo Ambiental**. Rio de Janeiro: FASE, p. 21-28, 2006.

LAYRARGUES, Philippe; LIMA, G.F. da C. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil. **Anais do VI Encontro "Pesquisa em Educação Ambiental"**. Ribeirão Preto: USP. 2011

LEFF, E. **A aposta pela vida**: Imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do sul. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEME, D.; SILVA, E.; NÓBREGA, I. **Projeto carroceiro de Florianópolis**. Extensio, Florianópolis: Extensio, 2014.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Educação Ambiental: Questões de vida**. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 31-61, 2018.

MIGNOLO, W. D. **The darker side of western modernity**: global futures, decolonial options. Duke University Press, 2011.

DE OLIVEIRA, L. M.; MARQUES, R. L.; NUNES, C. H.; CUNHA, A. M. de O. CARROCEIROS E EQUÍDEOS DE TRAÇÃO: UM PROBLEMA SÓCIO-AMBIENTAL. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 24, p. 204–216, 2007.

OLIVEIRA, R. A. P. ALMADA, E. Dos Sentidos da Carroça: cavalos urbanos em disputa por carroceiros e por empreendedores da libertação animal. In: **Anais da VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

OLIVEN, R. G. Cultura e Modernidade no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, p. 3-12, 2001.

PEREIRA, K. Associativismo e greves: Cocheiros e carroceiros na cidade de Manaus. (1900-1925). **Revista Piauiense de História Social e do Trabalho**. Parnaíba-PI, ano IV, n. 07, p. 46-57, 2018.

POMPEU, G. V. M.; ARAÚJO, L. M. S. C. Dignidade humana e combate ao racismo ambiental: acordo regional de Escazú e Programa E-Carroceiros, em Fortaleza, Ceará. **Espaço Jurídico Journal of Law [EJLL]**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 169–190, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RIBEIRO, A.; FONSECA, L.; AMORIM, C.; GRABOSCHII, A; VARGAS, Y.; FELIX, A.; ESCODRO, P.; MARIZ, T. Perfil socioeconômico de tutores e proposição de avaliação do bem-

estar em muares de tração extratores de areia no Rio Paraíba. **Research Society and Development**, 2020.

RUFINO, L. R.; RENAUD CAMARGO, D.; SÁNCHEZ, C. Educação Ambiental Desde El Sur: A perspectiva da Terexistência como Política e Poética Descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 7, n. Especial, p. 1-11, 29 out. 2020.

TERRA, P. C. Greve como luta por direitos: as paralisações dos cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906). **Revista Brasileira de História**, v. 34, p. 237-251, 2014.

WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez., 2012

Recebido em: 17 de maio de 2023

Aprovado em: 10 de agosto de 2023